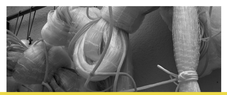
FRENTE

CARTOGRAFIA DAPERCEPÇÃO: A CIDADE EM VISTAS PARCIAIS

JULIA BUSCHERMOEHLE JUSKOW | ORIENTADOR: EDUARDO WESTPHAL | UFSC
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO | ARQUITETURA E URBANISMO



POR QUE?

A Arquitetura enquanto arte é, por consequência, "expressão da condição existencial humana" (PALLASMA, 2013), "uma redupli̇cação da vida" (BACHELARD, 2008) e manifesta-se, essencialmente, em sua fruição dinâmica.

Durante a infância somos constantemente estimulados a desvendar nossos sentidos, ampliar nossas percepções, "conhecer o mundo". Sob a assertiva de que já absorvemos o suficiente, vamos, pouco a pouco, desconhecendo-nos. Não tiramos mais os sapatos para pisar a areia, nem pintamos com os dedos para não sujar os pés ou as mãos. Por julgar já conhecer, não nos permitimos sentir, mais uma vez, o aroma da flor, a textura áspera da pedra. A música passa a ser trilha sonora, acompanhamento. Passamos a utilizar ferramentas; a dar nomes às coisas e representá-las por meio de formas, junções de letras, sonoridades.

Nossos olhos são excessiva e constantemente estimulados, desde os brinquedos coloridos da infância às fotos sucessivas que passamos depressa na tela do celular. Experienciamos a realidade por entre telas diversas. Repetidamente, deixamos de observar o que está diante de nós a "olhos nus", para tirar fotos ou gravar vídeos a fim de fazer uma postagem em alguma rede social.

ONDE?

O espaço se faz num permanente ir e vir. Há um constante e intenso fluxo de pessoas que, até que se acendam as luzes dos postes com o chegar da noite, caminham apressadas em direções variadas, desviando umas das outras.

"Trazian as sobrancelhas vincadas, e seus olhos moviam-se rapidamente; quando davam algum encontrão em outro passante, não mostravam sinais de impaciência; recompunham-se e continuavam, apressados, seu caminho. Outros, formando numerosa classe, eram irrequietos nos movimentos; tinham o rosto enrubescido e resmungavam e gesticulavam consigo mesmos, como se se sentissem solitários em razão da própria densidade da multidão que os rodeava. Quando obstados em seu avanço, interrompiam subitamente o resmungo, mas redobravam a gesticulação e esperavam, com um sorriso vago e contrafeito, que as pessoas que os haviam detido passassem adiante. Se alguém os acotovelava, corravam-se cheios de desculpas, como que aflitos pela confusão."

(POE, 1840)

Destacam-se na paisagem dois grandes edifícios amarelos, de mesmo acabamento e detalhes construtivos. Nas fachadas, sobressaem alguns adornos em branco, portas e janelas em verde escuro. Entre os dois blocos amarelos, há uma ampla área não-edificada. Por ela, espalham-se árvores espaçadas sem uniformidade as quais criam, sob suas copas, sombras sutis e heterogêneas. Os que por ali passam, quando por ali ficam, desfrutam dos espaços sombreados.
Da "densidade da multidão" (POE, 1840) desfrutam as trocas. Ecoam, mais ao longe, sons de instrumentos e vozes cantadas. Sobrepostos a esses, as vozes dos vendedores que repetem, ininterruptamente, cada um, uma mesma frase. "Compro e vendo ouro", "corte de cabelo", "CD e DVD", "aguha para limpar fogão e chuveiro".

Os demais edifícios do entorno são em tons pastéis, já mais acinzentados e encardidos. Confundem-se os cheiros, os sons e as cores. De um dos edifícios amarelos, o maior deles, vem o cheiro dos frutos do mar vendidos ali. A qualquer momento do dia, é ele o aroma predominante.
Terças, quartas, sextas e sábados, tendas azuis são dispostas por esse espaço e os cheiros modificam-se consideravelmente. Ao habitual cheiro de peixe, somam-se queijos, embutidos, flores, temperos, frutas e pães.

No chão, o calçamento é feito com pedras retangulares de tamanho irregular e não muito bem niveladas. Quando em direção às demais ruas do centro da cidade, no sentido oposto ao mar - que não se vê -, o pavimento passa a ser de pequenas pedras, pretas e brancas que, intercaladas, formam desenhos ondulados com suas cores.
"Juntamente com a intensificação dos fluxos, a rotina marcada das circulações passou a caracterizar o uso das ruas e praças [...]. A publicidade comercial apareceu em função dos fluxos, destacando-se na paisagem como elementos de comunicação às vezes tão fortes quanto algumas edificações de porte."
(VAZ, 1991)

A concentração dos edifícios públicos estabeleceu também outras relações de centralidade. O comércio acompanhou os fluxos já existentes oriundos de outros usos - o vai e vem do transporte coletivo, das escolas, dos escritórios. O calçadão fez-se necessário pelas conexões que já se estabeleciam ali e, agora, contribui para evidenciá-las.

P R O T E N S Ã O

Criamos ou simplesmente absorvemos um repertório de códigos. Cada código é, em sua completude, um conjunto de características: cheiros, sabores, formas, texturas, sombras, memórias. Assim como estabelecemos "relações referenciais" (HEIDEGGER, 1927 apud. CERBONE, 2013) entre objetos e ações, estabelecem-se também correspondências entre o objeto e suas especificidades.

Assim como pode-se afirmar que um lápis é um objeto com o qual escrevo; utilizo um casaco para abrigar-me e uma faca é um utensílio a fim de cortar alimentos, também assim afirmo que ouço um canto de pássaros, tinto cheiro de flores ou gosto de piqueca.

Temos uma expectativa latente para o desenvolvimento completo dos códigos. A "dimensão protensional da experiência" (CERBONE, 2013) se manifesta, facilmente, quando uma das partes constitutivas do código, por algum motivo, não se revela. O que esperamos da experiência também é, de algum modo, parte do momento experienciado.

R E T E N Ç Ã O

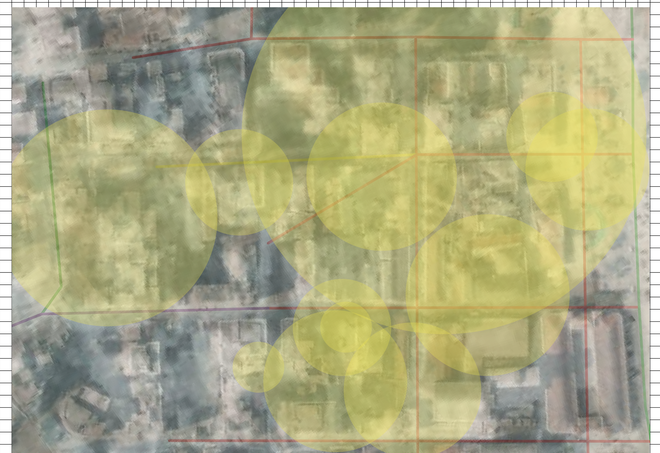
"A apreensão do agora é, por assim dizer, a cabeça presa à cauda do cometa de retenções relacionadas aos pontos-do-agora, anteriores, do movimento." (HUSSERL, 1991 apud. CERBONE, 2013)

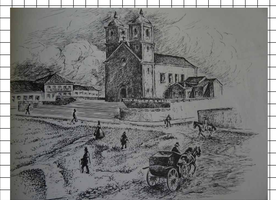
Retemos o passo anterior ao que acabamos de dar, a nota passada a que acabamos de escutar. Nossas percepções correntes e futuras seguem influenciadas por acontecimentos passados. É devido ao passo anterior que encontramo-nos em uma determinada posição ao dar o passo seguinte, se tinhamos o pé direito a frente, agora virá o esquerdo, sequenciando o caminhar. A nota ouvida faz com que percebamos de maneira distinta a seguinte: mais aguda, mais grave, dissonante, com maior ou menor intensidade e/ou volume, por exemplo. O silêncio aqui também pode exemplificar, quando são realizadas pausas durante a música percebemos única exclusivamente o soar do silêncio pois, anteriormente, havia uma melodia que ecoava.

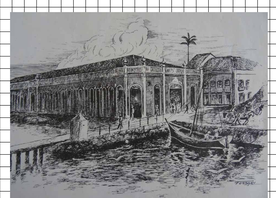
A D U M B R A Ç Ã O

"não é um acidente do próprio sentido peculiar da coisa física nem uma contingência de "nossa condição humana" que 'nossa' percepção possa chegar às próprias coisas físicas somente através de meras adumbrações delas." (HUSSERL, 1982 apud. CERBONE, 2013)

O que compreendemos como determinado objeto é, na verdade, uma coletânea de diferentes vistas adumbradas - as quais nos conferem uma idéia do todo. De tudo que pertence ao objeto e do que não pertence também - ao entender que a sombra, por exemplo, é causada pelo que se observa, mas não é, propriamente, a coisa observada. Dominações, texturas, cores, dimensões, a parte que não acessamos momentaneamente segue existindo, mas só será visível em outro momento e posicionamento - do observador e/ou do objeto observado.







Com as velocidades intensificadas, mesmo que peatonais, em meio a pressa cotidiana, exige-se cada vez mais dos veículos de propaganda. Devem ser cada vez maiores, mais coloridas, luminosas, atraentes, eficientes. Repetem, diariamente, o mesmo percurso, olhares que não mudam o foco, não desviam. Acostumados com os estímulos diversos, impedem que novas relações - com o espaço e com os outros - se estabeleçam. A homogeneização comercial do nível térreo tensiona as demais camadas retidas. O espaço de trocas muitas vezes é reduzido somente às trocas materiais.

São inúmeras as variáveis que se apresentam. No estabelecimento dos fluxos, das forças de atração/repulsão dos espaços, das interações, das relações público/privado, entre outros. As redes abertas de wi-fi agrupam pessoas independentemente das configurações formais do lugar, na escadaria da Catedral ou ao longo da rua Felipe Schmidt, por exemplo. Indivíduos conectados e desconectados simultaneamente.

Diversos edifícios desse perímetro urbano tombado evadiam-se de suas configurações originais internas, cedendo lugar a outras necessidades comerciais. Nas fachadas, bem como nas caixas de sons e alto falantes, são sobrepostas incontáveis informações. As texturas pré-existentes, mais enrugadas e irregulares, são recobertas ou substituídas por fachadas e marquises plásticas, uniformes, que ocultam - ainda que temporariamente ou sem tocar a estrutura - as precedências.

P L A C A S

Como um ponto intermediário, proponho uma intervenção efêmera como um estímulo a aprender a cidade. Um tropeço em meio à agitação cotidiana, a multiplicação de sons e imagens. As placas - triângulos retângulos em modulações de 90 e 45 centímetros - ocultam temporariamente fragmentos do espaço e evocam a memória do estado anterior. A articulação das peças e a possibilidade de alterar a configuração do objeto surgem na intenção de observar - e registrar - as reações e interações com o objeto. Como os atores modificam e modificam-se.

A medida que o objeto ganha novas configurações, amplia-se a coletânea de vistas, tanto do objeto quanto do que ele encobre. As faces em cores diferentes revelam a impossibilidade de visualização do todo.
Além das pessoas apressadas que deslocam-se, notei que existem também aquelas que permanecem, em suas diversas funções. Panfleteiros, vendedores, caricaturistas, palhaços, cambistas que, acostumados com o estado habitual, reparam imediatamente que há uma modificação nas configurações do espaço.

Quando colocado próximo às caricaturas expostas para venda, o objeto confundiu, parecia também estar à venda. Segundo o "senhor do câmbio", a intervenção não iria funcionar porque as pessoas estavam com pressa, fugindo da chuva, seria necessário "um dia bonito de sol". Observei à distância. Alguns olharam curiosos, outros desviaram, sentaram-se ao lado. Um homem apoiou o pé para amarrar os cadarços. Ao serem questionados, os panfleteiros explicavam aos demais sobre a intervenção. Permaneceram por mais tempo - alterando as formas e mudando de posição - um jovem e, posteriormente, um casal com três crianças.

Debruçamo-nos sobre nosso principal objeto de atuação - a cidade - e determinamos partes de um todo que é vivo, dependente das pessoas. A conformação do espaço público é constantemente alterada, por intervenção dos indivíduos, dos eventos e de suas respectivas apropriações.
Nossa atividade projetual consiste, por diversas vezes, em escolhas. Para além da forma, determinam-se a inserção no terreno, o programa, os usuários - e seus comportamentos -, as formas de divulgação, os ângulos de interesse.

C A I X A

Em meio às pluralidades desse espaço orquestrado, opto por decompor. Enfocar caracteres isolados, retirá-los de seus contextos originais. Silenciar os estímulos externos, os ruídos e imagens de fundo. Reduzir a tensão existente entre a camada mais superficial - onde prevalece o comércio - e as demais camadas encobertas. A partir do isolamento das partes constitutivas da realidade, intensificar a latência para o desenvolvimento pois completo - e imaginado - dos códigos.

A decomposição manifesta-se pois entendo a superposição de informações - e estímulos - como construída historicamente. As imagens em preto e branco ganham forma em seus claros e escuros, lures e sombras. O cinema mudo tem como base o completar de códigos. A fumaça do trem em foco, o som do apito e, facilmente, compreende-se que o trem partirá. O próprio enfoque é, por si só, uma decomposição, uma fragmentação da realidade.

Coloco a minha compreensão desse espaço e como as coisas se manifestam para mim. Minhas memórias, algumas vividas e outras tantas consumidas que também contribuem para as concepções que faço do lugar. Interpretando o local e suas contingências, busco entender os reconhecimentos e as retenções individuais do espaço - e das transformações que o acompanham. Expondo as minhas percepções para que a outros olhos surjam novas possibilidades de apreensão desse espaço. Por meio da experiência, busco ampliar a percepção da realidade. Com a materialização de subjetividades, incentivar a reflexão; a criação de outras referências - além das minhas -; a aproximação do espaço; o reconhecimento individual. Ampliar o contato entre as camadas sobrepostas.

Assumo como recurso as possibilidades de alterar o que vemos, utilizando lentes e espelhos. As maquetes topográficas e os desenhos no interior da caixa são acessados por meio de periscópio. Na parte lateral da caixa foram instalados monóculos com fragmentos e texturas que fazem parte de minhas referências, do meu imaginário. A cada monóculo, associa-se a reprodução de um cheiro e uma sequência de sons. Na parte superior da caixa, utilizo a sobreposição de mapas produzida anteriormente e empreigo retroiluminação a fim de tornar as camadas mais evidentes.

A partir da proposta da caixa, projetada e executada, busco imergir os diferentes sujeitos à realidade do objeto. Durante um período de tempo, diferente para cada um, criam-se adumbrações do espaço. Porém, a realidade do objeto está sujeita também às precedências de cada sujeito que cessam, por vezes, as minhas expectativas e criam novas possibilidades.

VERSO

Tocam os três sinos da Catedral em badaladas que ecoam por alguns minutos. Há cheiro de pão recém feito vindo da padaria na esquina, os senhores que jogam dominó apressam-se para ir embora.

De uma janela do andar superior do mercado público, as generosas folhas da amendoeira que variam em suas tonalidades, do verde ao marrom. Os galhos balançam suavemente. Há uma voz feminina cantando e conversas sobrepostas.

Uma loja no mercado público. Pregado à parede, um espírito santo em gesso e fitas de cetim coloridas. Bilros, alfinetes, cavaletes, linhas e um lápis sem a borracha na ponta. Uma voz feminina ecoando em uma caixa de som estourada. Almofadas e rendas coloridas.

A partir de uma janela do andar superior do mercado público. Cheiro de cachorro quente. Um poste de luz apagado. Há um homem em pé falando em voz alta. Passam algumas pessoas caminhando e muitas permanecem sentadas. Três árvores e um chão de pedras irregular.

Em meio à agitação da cidade, é possível ouvir o canto dos pássaros que se aninham nas árvores da praça. Ao outro lado da rua, o antigo casario abriga duas farmácias, uma loja de roupas e outras duas farmácias. Ouve-se, entre as melodias dos passarinhos, os motores do ônibus e dos carros que passam.

Uma parede ocre. Redes de pesca penduradas. Um senhor me oferece peixes, uma senhora, um corte de cabelo. "O fabrico da renda e o da rede, essas duas ímbas gêmeas; uma, para o ganho da vida; outra, para o seu enfeite. Uma, forte como o mar grosso do qual tira o sustento; outra, leve como a espuma salgada desfazendo-se em praias costeiras." (JÚLIO DE QUEIROZ)

Uma Brasília vermelha estacionada com porta-malas e capô abertos. Uma toalha estampada. Mel, melado, rosca, pão, cuca. Há caixas de papelão sobre o carro. Cinco senhores conversam, aproxima-se um político conhecido, cumprimenta um a um e vai embora. Vindo de algum lado, um som de violino.

As sacas de feijão vendido a granel, dez reais o quilo. Há cheiro de queijos e embutidos. Diz a vendedora: "Tudo bom, querida? Oitenta centavos."

Um dos pombos limpa suas asas, enquanto o outro passa ao fundo em direção a um pedaço de pão. Um pregador conta, em voz alta, a história da ressurreição de Jesus Cristo.

Sentado de costas, um vendedor de pipocas de guarda-pó branco e seu carrinho vermelho e amarelo. Não há cheiro de pipoca. Um botijão de gás dentro de uma sacola plástica. "Obrigado e boas saladas em casa" diz o vendedor de raladores. Ao fundo, uma vitrine com óculos.

"Este caminho era cortado por três outros: o que veio a se constituir depois na rua do Livramento, atual Trajano, cujas casas tinham os fundos sobre o córrego que trazia para o mar as sobras das águas da Fonte da Palhoça."

"O córrego do centro da cidade que passava entre as ruas Trajano e São Francisco (atual rua Marechal Deodoro), não necessitava de grandes desvios, bastando que fosse limpo e coberto, e que a sua saída, já canalizada, fosse prolongada por baixo do edifício da Alfândega."

"Por ato de 2 de junho de 1887, o Presidente da Província aprovou e mandou executar um artigo de postura obrigando os proprietários ou moradores dos prédios, por cujos terrenos passavam os antigos córregos do Fagundes e Trajano, a estabelecerem encanamentos parciais para o cano geral, a fim de terem pronto esgotamento das águas pluviais e servidas."

"Poupam-se centenas de vidas por ter-se extinguido um grande viveiro de microbios e acabado com um laboratório de pútridas exalações."

"Na época, o chão da ermida e da praça eram do mesmo nível, em leve aclive. Com a ação das águas e da urbanização, resultou o rebaixamento pela frente e pelos lados, em consequência do que, hoje a igreja se apresenta mais elevada."

"[Ao Leste] do Largo da Matriz, haviam cinco pequenas e insignificantes casas de um só pavimento, que seriam mais tarde adquiridas pela Câmara da Vila para a construção da Casa de Câmara e Cadeia."

"Essa igreja, dedicada a Nossa Senhora do Desterro, prejudica a simetria da praça, já que não tiveram o cuidado de construí-la a igual distância das duas fileiras de casas, além de a colocarem em posição oblíqua em relação à beira do mar. Ela é grande e tem duas torres, mas não me pareceu que tivesse uma largura proporcional à sua altura. Sobe-se até ela por uma rampa margeada por dois muros de arrimo, a qual vai desembocar numa pequena plataforma em meia-lua. Na base dessa elevação há uma alta palmeira, cuja elegante folhagem, que se agita à mais leve brisa, contrasta com a imobilidade do prédio ao qual ela serve de ornamento."

"a Ordem [Terceira de São Francisco da Penitência] ocupou durante 70 anos (1745-1815) parte do espaço interno da Catedral."

"Deveria possuir 80 palmos de vão desde o arco cruzeiro até a porta, e capela-mor com 40 palmos de comprimento por 30 de largura. O corpo central levou 12 anos para ser concluído."

"A capital era iluminada por 55 lampiões de azeite de peixe, pendurados nas esquinas das ruas."

"Geralmente de banda e na borda da cidade, vieram os mercados enriquecer o cenário existente com prédios singelos (...) com simples coberturas ou pátios fechados, com construções mais audaciosas a introduzir entre os materiais empregados o ferro e o vidro. São todos um símbolo da ação reguladora do Estado e a sua responsabilidade para com o abastecimento de uma gente citadina que não planta o que come."

"Florianópolis é tipicamente uma cidade de enseada, figurando o porto como seu elemento de formação. O interesse comercial, representado pelas transações como os navios que ancoravam na baía, fez da linha da praia o elemento que concentrou a população."